

Leitura crítica, cidadãos conscientes

Não existem pesquisas comprovando que os alunos brasileiros lêem pouco ou muito. Mas a professora Hilda Orquídia Lontra, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, apresenta o resultado de uma pesquisa que a UnB realizou com alunos do ensino médio do Distrito Federal, de 1997 a 1999, que dá algumas pistas. “Ficou constado, por meio de depoimentos dos estudantes, que eles lêem, mas não gostam da leitura que a escola obriga”, diz a professora.

Segundo Hilda Lontra, as escolas de ensino médio não estão formando leitores, principalmente por problemas metodológicos no ensino de Literatura. “Algumas delas deformam os leitores naturais, espontâneos”, adverte. Lontra contou que os estudantes declararam sentir prazer com a leitura proposta pelo grupo de professores da UnB. “Durante dois anos esses alunos vieram de praticamente todas

as cidades – Samambaia, Santa Maria, Brazlândia, Ceilândia, Taguatinga e Plano Piloto – para passar quatro horas lendo. “Quem não gosta de ler passaria mais de 40 horas de sua vida, num fim de semana à tarde, lendo poemas, contos, crônicas e romances?”, indaga. “Não passa”, ela responde. Isso prova, segundo a professora, que os alunos não mentiram quando disseram que gostam de ler. Só não gostam da forma como a leitura é desenvolvida na escola. De acordo com Hilda Lontra, esse projeto da UnB – chamado de *A leitura da literatura no ensino médio* – não foi considerado pesquisa pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e nem foi respaldada pelo Centro de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (Capes), órgão do Ministério da Educação.

“Esses órgãos não apostam num projeto dessa natureza porque não convém que os jovens façam leituras

críticas; não convém para o sistema educacional que os jovens verbalizem a sua experiência de leitores; confrontem a leitura da literatura com a leitura da realidade. É conveniente que as leituras sejam apenas reprodutivas. Ao ler, por exemplo, *Iracema*, que é uma leitura indicada para o ensino médio, os alunos contam a historinha da índia que se apaixonou pelo homem português, branco, que veio para o Brasil. E que no final ela abandonou a tribo, foi feliz com ele, casou, teve um filho dele, ele morreu, pegou o filho e foi para a Europa”, argumenta.

A reprodução da sequência narrativa de uma obra literária é o que os alunos fazem nas escolas de ensino médio, de acordo com a professora. “Mas isso corresponde ao nível de leitura das primeiras séries do ensino de 1º grau, que é só contar historinhas”, esclarece. Em relação à obra *Iracema*, de José de Alencar, por exemplo, os estu-

dantes que participaram do projeto confrontaram o propósito do autor ao escrever a obra – cuja protagonista tinha por nome o anagrama da palavra América; confrontaram essa intenção do autor com o que ele conseguiu ao escrever a narrativa; confrontaram o papel da mulher na sociedade romântica brasileira; questionaram o papel da mulher na sociedade machista-capitalista de hoje; questionaram o conflito de família, de Pátria, tudo a partir da leitura de um romance.

O resultado do trabalho, segundo a professora Hilda Lontra, é que os estudantes mostraram uma melhoria no nível de qualidade de leitura que muitos professores não alcançam. “Uma metodologia repetitiva vai gerar uma leitura repetitiva e uma conduta frente à literatura também repetitiva, desprazerosa. Já uma leitura desafiadora, uma leitura instigadora, uma leitura crítica como foi feita pelos estudantes

no projeto – e que se deseja que todos os professores façam com todos os alunos do ensino médio – gera cidadãos conscientes.

A professora acha que as universidades brasileiras devem investir na formação de leitores. “As universidades não podem continuar com o caráter informador de conhecimentos. É necessário que os órgãos governamentais apostem nos cursos de licenciatura. Estes são os cursos que vão preparar os novos professores para o próximo milênio”, resume. A professora afirma, também, que os estudantes estão cheios de vida, como uma planta. “Eles precisam de adubo. O adubo da mesmice vai gerar cidadãos acrílicos. O adubo da transformação, da crítica, do puxar pelas idéias, da leitura do texto, vai participar do processo de formação de cidadãos críticos. Há matéria humana para isso. Não sei se há propósito político para isso”. (A.S)